

## A complexidade da educação e a perspectiva ontológica de Paulo Freire

Complexity in Education and Paulo Freire's ontological perspective

Por **Antonia Angelina Basanella Utzig**

Professora FIAR

Mestranda FURB

toninha1970@hotmail.com

### Resumo:

O estudo permeia uma abordagem qualitativa, tendo como enfoque a perspectiva ontológica de Freire como educador. Como aporte teórico, engloba obras que abordam a teoria de educação para a libertação. Essa proposta de natureza civilizatória tem na autonomia e libertação seu foco prioritário na medida em que caracteriza a educação como referencial de mudança. A educação, como mola propulsora da sociedade atual, pode ser identificada como arma de grande potência e um bem de valor precioso. Não é possível fazer uma reflexão sobre educação sem refletir sobre a natureza do próprio ser humano, pois a educação pode ser encarada como a busca pelo sentido do que é ser humano. Nessa perspectiva, o humano se propõe a desenvolver conhecimentos que, segundo Freire, o conhecimento de si como ser que se integra no mundo e sempre quer mais. Essa dimensão, entendida como ontológica, mostra o ser humano como ser inconcluso, inacabado e incompleto. Essa constatação justifica o processo educativo conscientizador que se fundamenta na capacidade do ser humano se educar, e que muitas vezes é obscurecida pelo modelo civilizatório vigente. Essa proposta, ao ser executada, além de resultar em um ato político, direciona a sua humanização e também dispõe de uma formação ética do indivíduo. A educação para a libertação como comprometimento torna-se ato de amor, por isso um ato de coragem. Coragem esta para expulsar a sombra da opressão que esmaga, pela conscientização de uma educação para a libertação e por isso respeitadora do ser humano como pessoa. Uma educação voltada para a solidariedade, para o prazer, com o mínimo de competição.

### Palavras-chave:

Educação para libertação. Ontologia. Proposta civilizatória.

### Abstract:

The study permeates a qualitative approach and has as focus the ontological perspective of Freire as educator. As theoretical contribution it includes Freire's works which has as subject the education theory for liberation. This proposal of civilizational nature has its priority focus in the autonomy and liberation in so far as it characterizes the education as change reference. Education as propeller spring of current society can be identified as a powerful weapon and a precious goodness. It is not possible to think about education without considering the human nature, because education can be understood as the pursuit of the meaning of what the human being is. In this perspective the human being intends to develop knowledge, which means the self-knowledge according to Freire, which makes possible the human integration into the world and human desire to have more. That dimension understood as ontological shows the human being as an unconcluded unfinished and incomplete being. That verification justifies the consciousness educational process based in the human ability to self education, which is several times darkened by the civilizational model in vigor. Besides resulting in a political action when well-executed, that proposal addresses man's humanization and provides an ethical formation of the individual as well. Education for liberation as compromising becomes a love action and because of that a courage action too. That courage is capable of expelling the smashing shadows of oppression by sustaining itself in the consciousness education for liberation, which respects the human being as a person. That education process is turned to solidarity, pleasure and the minimum of competition.

### Keywords:

Education for liberation. Ontology. Civilizational proposal.

### Introdução

Ao considerar as implicações que se estabelecem entre ontologia e conhecimento, no debate atual da educação, evidencia-se a questão de por que se inclui a *ontologia* no contexto de

educação. Em tempos pragmáticos, quando seres humanos definem-se e encontram inteligibilidade em sua utilidade e adaptabilidade, faz sentido indagarmos-nos pelo ser social, como ser. Nesse

sentido, enfoca a perspectiva ontológica de Paulo Freire sobre educação.

Falar de Paulo Freire e de seu pensamento ontológico é um tanto desafiador. Freire foi um pensador da educação como processo de humanização dos seres humanos. Sua preocupação era antes resolver os problemas imediato-práticos dos oprimidos do que elaborar uma nova metodologia, e essa empreitada o fez um dos maiores teóricos da educação, a ponto de ser um dos idealizadores da educação libertadora.

Porém, para continuarmos falando sobre as ideias de Paulo Freire referentes à educação, faz-se necessária uma melhor compreensão do pensamento ontológico de Paulo Freire e, só assim, adentrar na complexidade da educação.

Este artigo foi desenvolvido por meio da disciplina Perspectiva Freireana, ministrada pelo Professor Dr. Ernesto Jacob Keim, do Curso Pós-Graduação/Mestrado em Educação, da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

A educação como processo complexo e inacabado tem na ontologia um referencial essencial. Por isso, o principal objetivo é compreender como a ontologia de Freire contribui para a emancipação humana.

O método utilizado para esse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, dando ênfase às obras de Paulo Freire.

Na busca desses conhecimentos, a revisão da literatura, principalmente da área da Educação, é extremamente importante para familiarização com o tema estudado.

Dentro do que nos propusemos a pesquisar, o estudo terá uma abordagem qualitativa, salientando as implicações metodológicas, indicadas por González Rey, pois “o conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa”,<sup>1</sup> ou seja, o conhecimento não é fruto de um acúmulo de fatos colhidos através de momentos empíricos. Enfatiza Freire, dizendo que “o saber verdadeiro é

construído”.<sup>2</sup> Diante disso, começamos a construção deste trabalho com um olhar em busca das perspectivas.

Segundo Chauí, “olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma”.<sup>3</sup>

Ao falarmos em janela da alma, a pesquisa qualitativa traz-nos essa oportunidade de vermos, por meio de estudo nas entrelinhas, o que realmente queremos ver, direcionando-nos a uma construção de conhecimento argumentativo, crítico, não visando somente a estudos numéricos, mas sim estudos que movimentam a consciência, e permitindo que esse movimento nos abra as portas para a realidade.

Sabemos que a pesquisa qualitativa, por não ser mensurável estatisticamente, torna-se questionável defendendo o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. Por meio da pesquisa qualitativa, exercemos um entendimento profundo de ligações entre os elementos, procurando desvendar uma ordem que é invisível ao olhar comum. De acordo com Godoy, a pesquisa qualitativa,

Não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.<sup>4</sup>

Essa abordagem pode ser útil para fazer face aos desafios colocados pela complexidade da ontologia em educação, buscando a compreensão entre a relação da subjetividade e o assunto

<sup>1</sup> GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002. p. 31.

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. *A educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 34.

<sup>3</sup> CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 33.

<sup>4</sup> GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995. p. 58.

pesquisado, assim sendo, González Rey reforça dizendo:

A subjetividade e a individualidade são partes de um mesmo sistema, no qual as contradições entre esses dois níveis de organização se transformam em produções de sentido que participam, simultaneamente, do desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade, em processo infinito.<sup>5</sup>

Em virtude da historicidade do fenômeno educacional, cujas raízes estão relacionadas com as origens do próprio ser humano, o debate historiográfico tem desdobramentos significativos para a pesquisa educacional, uma vez que o significado da educação está intimadamente entrelaçado com o significado da História.

No que se refere à História da Educação, acreditamos ser possível tratar da história como elo e fonte de desvelamento de práticas sociais que possam ser apreendidas como guias de compreensão da produção de conhecimentos no passado e no presente, e uma bússola na construção do futuro. Isso só se torna possível se formos capazes de explicar e interpretar os processos históricos objetivos da educação

De acordo com o ponto de vista de Saviani, concordamos quando nos diz:

No âmbito da investigação histórico-educativa essa implicação é duplamente reforçada: do ponto de vista do objeto, em razão da determinação histórica que se exerce sobre o fenômeno educativo; e do ponto de vista do enfoque, dado que pesquisar em história da educação é investigar o objeto educação sob a perspectiva histórica.<sup>6</sup>

Embasado nesse conceito, vemos que o ser humano deve ser o sujeito da sua própria educação e não objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. Por outro lado, a busca deve traduzir em

ser mais. Diante desse contexto, o ponto de partida é o inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital.<sup>7</sup>

### A complexidade da educação e o ser humano

*A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão.*  
Edgar Morin

A sociedade contemporânea apresenta características marcantes de um cenário complexo e desafiador, e essas características são inseridas pela onda da globalização.

O paradigma da complexidade (que se opõe ao paradigma da simplificação) encaminha um pensamento complexo que, segundo Morin, “parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias”.<sup>8</sup>

Podemos dizer, então, que a globalização é um processo econômico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas do mundo todo. Através desse processo, as pessoas, os governos e as empresas trocam ideias, realizam transações financeiras e comerciais e espalham aspectos culturais pelos quatro cantos do planeta.<sup>9</sup>

Em meio a essas discussões, consideramos que, no período contemporâneo, a força da sociedade baseia-se em que o ter é mais importante do que o ser. Assim, entendemos que o mundo necessita de uma mudança de valorização do ser humano, pois homens e mulheres são os protagonistas dessa situação que se reformula a cada dia, e nessa transformação não podemos fazer vistas grossas para os pequenos detalhes, como diz o ditado, são os pequenos detalhes que fazem a

<sup>5</sup> GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005. p. 26.

<sup>6</sup> SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). *História e história da educação*. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 1998. p. 12.

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 50.

<sup>8</sup> MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. p. 387.

<sup>9</sup> GLOBALIZAÇÃO: contatos comerciais, culturais, financeiros e tecnológicos em nível global. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/globalizacao>>. Vários acessos.

diferença. Esses pequenos detalhes nós os vemos a todo instante, principalmente quando falamos de educação. Detalhes que merecem a nossa devida atenção: falta de autonomia, de qualificação, de estrutura física, de democracia e de falta de um melhor bem viver.

Segundo Boff, bem viver significa compromisso com a responsabilidade de promover os princípios eco-vitais como condições, e premissa fundamental para desenvolver proposta civilizatória.<sup>10</sup> E, nessa busca de novos caminhos para a humanidade, a ideia do bem viver<sup>11</sup> tem muito a nos ensinar.

Essa proposta civilizatória permeia os caminhos da educação. Segundo D'Ambrósio, a educação é muito complexa, pois deparamos com uma triangulação, chamada triângulo da vida, a qual envolve o indivíduo, o ambiente e o outro.<sup>12</sup> Esses três fatos são indissolúveis e complementares.

Por meio dessa perspectiva, ficamos cientes que o processo civilizatório e, portanto, educacional se configura como a base da atividade científica. É fundamental que a criatividade se desenvolva numa perspectiva de responsabilidade e não apenas de compromisso, que sujeita o criador às formas e interesses de quem exerce poder e controle sobre essas pessoas e esse processo.

Esses fatos tornam-se o fenômeno vida. E esse fenômeno é inconcluso e complexo, em permanente transformação, sujeito a uma dinâmica da qual ainda sabemos pouco. E é por meio dessa teoria que Paulo Freire traz a abordagem de que o

ser humano é um ser inconcluso, incompleto e inacabado com desejo de ser mais.<sup>13</sup>

Os seres humanos são incompletos por estarem “sendo” constantemente. Entender tal situação é se admitir como sujeito incompleto, inconcluso e inacabado capaz de aceitar mudanças que se façam necessárias no ser, promovendo uma abertura de consciência que favoreça o desconhecido, a curiosidade, a comunicação e a transformação. Estar sendo é adotar uma identidade no grupo, em que é aparente a necessidade do outro para a identificação e construção de uma individualidade, cerceada na solidariedade e na socialização. Enquanto ser histórico-social, inacabado, incompleto e inconcluso e consciente desses aspectos, o fenômeno concretiza-se por estar vivo. “Onde há vida, há inacabamento”.<sup>14</sup>

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir o próprio ser humano. Conforme Freire, “a educação é uma busca realizada pelo sujeito homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”.<sup>15</sup>

Essa constatação justifica todo o investimento do processo educativo conscientizador que se fundamenta na capacidade estrutural do ser humano de se educar, capacidade que não foi destruída, mas apenas obscurecida. Nessa perspectiva, afirma Paulo Freire:

O conceito de ‘intransitividade’ não corresponde a um fechamento do homem dentro dele mesmo, esmagado, se assim o fosse, por um tempo e um espaço todo poderosos. O homem, qualquer que seja o seu estado, é um ser aberto. O que pretendemos significar com a consciência ‘intransitiva’ é a limitação de sua esfera de apreensão. É a sua impermeabilidade a desafios situados fora da órbita vegetativa. Neste sentido, e só neste sentido, é que a intransitividade representa um quase descompromisso do homem com a

<sup>10</sup> BOFF *apud* KEIM, Ernesto Jacob. O bem viver como referencial civilizatório para a formação de mestres e doutores. In: IX CONGRESSO Nacional de Educação (EDUCERE). III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: PUCPR, 2009.

<sup>11</sup> BOFF, Leonardo. *O viver melhor ou o bem viver?* Disponível em: <<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=37858>>. Vários acessos.

<sup>12</sup> D'AMBROSIO, U. Educação para compatibilizar desenvolvimento e sustentabilidade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 15, p. 11-20, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/11895/8389>>. Vários acessos.

<sup>13</sup> FREIRE, 2004.

<sup>14</sup> FREIRE, 2004, p. 50.

<sup>15</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 14.

existência.<sup>16</sup>

As falas de Freire caracterizam a consciência intransitiva como a falta de motivação, ausência de compromisso, dificuldade de discernimento, interpretação mágica da realidade. Ao contrário, a consciência crítica desenvolve constantemente a capacidade de revisões e reinterpretções, a segurança na argumentação, a facilidade para o diálogo e a abertura à transformação, ainda que o ser humano não aja em nível histórico, não se comprometa existencialmente através da decisão, seja impermeável aos compromissos que ultrapassam a esfera de vida vegetativa e torne-se inerente a qualquer decisão de comprometimento, preferindo estagnar-se.

Keim nos diz que Freire defendeu a ideia de que a educação pode ser um jogo, em cujas regras estariam presentes a solidariedade, a festa e o prazer, com um mínimo de competição.<sup>17</sup>

### A educação no paradigma ontológico do saber

A educação é vista como uma mola propulsora da sociedade atual. Perante isso, deveria ser questão social prioritária. Podemos dizer que a educação é uma arma de grande potência e de valor precioso, a partir do momento em que a educação for tratada como realmente dever ser tratada, todos se beneficiarão com ela, haja vista que ela funciona como motor para o crescimento social e econômico do mundo. Diante disso, é possível perceber que o sucesso da vida de qualquer cidadão está condicionado à educação.

Pressupõe que romper paradigmas é ir além, é transcender, e a educação promove essa ruptura quando vai à raiz da essência humana. É como se quebrássemos os nossos óculos ou mudássemos as lentes para enxergarmos a nossa realidade devidamente.

O ser humano vive em constante evolução, e o conhecimento é o responsável por essa evolução, pois quanto mais curiosos somos, mais aprendemos. Visto que a curiosidade é um conhecimento, Freire traz o seguinte entendimento: “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”.<sup>18</sup>

O conhecimento não está dado e pronto, nem na natureza, nem na sociedade, nem no acervo cultural da humanidade. Só acontece quando o sujeito o elabora com os dados da natureza, com a atuação e suas relações na sociedade e com a apropriação dos resultados da elaboração cognitiva e produtiva dos seres humanos em seu processo histórico.<sup>19</sup> Morin afirma que

A epistemologia complexa toma forma a partir do conhecimento, que compreende o conhecimento dos limites do conhecimento. Não há conhecimento “espelho” do mundo objetivo. O conhecimento é sempre tradução e construção. Daí resulta que toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe. Não há conhecimento sem autoconhecimento.<sup>20</sup>

Adquirir conhecimento é adquirir “uma compreensão” da realidade, “com uma visão pré-reflexiva de um futuro que se mostra como quase presente”.<sup>21</sup>

### Concepção ontológica de Paulo Freire

#### *A concepção de autonomia na educação*

A temática da autonomia ganha centralidade nos pensadores e na educação moderna, sendo enfatizada por Paulo Freire quando ele a trata com

<sup>16</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 60.

<sup>17</sup> KEIM, Ernesto Jacob. Complexidade e prática educacional: o pensamento sistêmico, o conhecimento e a vida. *Contexto e Educação*, Ijuí, v. 16, n. 64, p. 37-59, out./dez 2001.

<sup>18</sup> FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 36.

<sup>19</sup> SILVA, Jefferson Ildefonso da. Pesquisa e conhecimento científico: ampliando o espaço da pesquisa na comunicação e apropriação do conhecimento. *Ícone*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 6-66, jan./jun. 2000.

<sup>20</sup> MORIN, Edgard. *Mens demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002. p. 200-201.

<sup>21</sup> BOUDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 248.

sentido sócio-político-pedagógico, tornando-se condição sócio-histórica de um povo ou indivíduo que tenha se libertado e conseguido sair das estruturas opressoras. Na educação, Freire propõe uma pedagogia da autonomia na medida em que sua proposta está “fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando”.<sup>22</sup> Preferimos a expressão educação para autonomia, justamente por ressaltar que a autonomia deve ser construída, conquistada a partir das suas experiências e da sua própria libertação.

Sendo assim, a concepção de educação de Paulo Freire percebe o ser humano como um ser autônomo. Essa autonomia está presente na definição de vocação ontológica de ser mais que está associada com a capacidade de transformar o mundo. É exatamente aí que o ser humano se diferencia do animal, que vive um presente indiferenciado e não se percebe como ser unitário distinto do mundo. E é nessa coletividade que a transformação acontece.

Essa evolução perpassa o processo de comprometimento com o pensamento crítico, com o diálogo, percebendo que “o diálogo é a própria essência da ação revolucionária”.<sup>23</sup> Essa ação revolucionária remete-nos a Keim, quando ele se pronuncia sobre a educação para a autonomia como processo sistêmico que valoriza e considera o sujeito por aquilo que ele é, numa dimensão ontológica, pela qual o ser é visto a partir da consciência e da discussão de suas possibilidades e desejos, e dos comprometimentos que estabelece com o seu entorno biológico, social, psicológico e transcendente.<sup>24</sup> A autonomia, aqui, trata-se da experiência da busca de liberdade por caminhos pontilhados de riscos e de desafios.

Vamos apreender com a autonomia como a autonomia acontece. Autonomia sem liberdade não existe. E liberdade com limites não é liberdade. E educação sem autonomia, não é educação, pois a educação implica a possibilidade de reflexão, e não dá para refletir sem autonomia, porque a reflexão é livre e sem limites.

A despeito disso, Freire diz que “de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudança”.<sup>25</sup> Trocando em miúdos, nada adianta falar bonito se as nossas ações não sofrerem mudança alguma. Precisamos saber se, nessa a prática de velejar, se confirmam, modificam-se ou se ampliam esses saberes, buscando na inquietude do ser mais.<sup>26</sup>

O inacabamento de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.<sup>27</sup>

Para o ser humano, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. Porém, para Freire, “o mundo não é. O mundo está sendo; [...] Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”.<sup>28</sup>

Paulo freire constata que, na relação ser humano-mundo, ocorre uma simultaneidade entre a consciência e o mundo: a consciência não precede o mundo, e o mundo não precede a consciência. O mundo é exterior à consciência, mas por essência é relativo a ela. A consciência do mundo implica o mundo da consciência:

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona.<sup>29</sup>

A partir das concepções de Freire, afirmamos que esse é o processo pelo qual os seres humanos conquistam sua autonomia, processo pelo qual são construtores de si próprios, possibilitando reflexão sobre a teoria do contexto concreto.

<sup>22</sup> FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11.

<sup>23</sup> FREIRE, 2003, p. 84-85.

<sup>24</sup> KEIM, 2001.

<sup>25</sup> FREIRE, 2004, p. 10.

<sup>26</sup> FREIRE, 2004, p. 22.

<sup>27</sup> FREIRE, 2004, p. 59.

<sup>28</sup> FREIRE, 2004, p. 76-77.

<sup>29</sup> FREIRE, 1970, p. 71.

## A concepção de educação para a libertação

A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. “Mudar é difícil, mas é possível”.<sup>30</sup>

Segundo Freire, “a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades”.<sup>31</sup> Uma metáfora faz jus a essa frase, *os caranguejos depois de cair nas armadilhas fazem de tudo para não deixar nenhum de seus companheiros sair dela, se quebra todo, não permitindo que o outro escape*. Assim é na vida humana; se fizermos uma analogia, veremos que estamos cercados por pessoas caranguejos, pessoas incompetentes, sem perspectiva de vida, pessoas que não suportam o crescimento pessoal e profissional do próximo. E essas pessoas entram em confronto com a liberdade de outrem, não amadurecem, não se libertam, vivem num marasmo, como se estivesse em uma redoma onde os raios da vida, os pensamentos e a esperança não ultrapassam essas barreiras. A educação para a libertação mostra-nos que devemos quebrar os paradigmas, quebrar nossos óculos, trocar as lentes, tirar o tapa-olho para ver a verdadeira liberdade. Só assim poderemos ser mais e melhor.

Segundo Freire, “expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e, por isso, respeitadora do homem como pessoa”.<sup>32</sup> A educação apoiada nos princípios freireanos consolida a autonomia intelectual e os conhecimentos contextualizados, na medida em que se apresenta como processo dialógico e dialético que não se prende na busca pela verdade pura e simplesmente. O diálogo proposto por Paulo Freire não é o diálogo romântico entre os oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação de sua condição de oprimidos.

Para Freire, é a partir da reflexão sobre seu contexto, do mesmo comprometimento, das

decisões, que os seres humanos se constroem a si e tornam-se sujeitos autônomos.<sup>33</sup>

Essa é uma proposta de uma educação problematizadora, dialógica, oposta à educação bancária, que faz dos alunos apenas caixas registradoras, ou simplesmente uma caixa em que é depositado apenas o que se deduz que ele precise saber, sem direito a questionamentos ou críticas, pois ele saberá somente o que foi nele depositado.

A educação para a libertação nos mostra o quanto é possível reverter essa situação. Freire diz que “a educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem”.<sup>34</sup>

Não podemos ser migalhas de uma massa oprimida, tijolos jogados ao léu. Somos a humanidade. Precisamos ser tijolo de verdade, os tijolos são as bases das construções civis. Então, sejamos os tijolos da base da educação.

Assim como da palavra tijolo foi utilizada para formar várias outras palavras, sigamos o exemplo e tornemo-nos o alicerce para as mudanças na educação, visando o surgimento de novas maneiras de se fazer educação, e de não apenas fazer ensino.

Essa reflexão permeia um conceito de liberdade como um caminho de aquisição de sentidos históricos que vivem o ser humano, tornando-o capaz de tomar decisões. Portanto, a educação torna-se um ato educativo com reflexão política em que o saber é adquirido de forma realista, dado em forma de cultura, labuta, dor, fome e injustiça.

A educação deve permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um mundo incompleto, inacabado e isso nos permite denunciar a realidade opressiva, construindo, conseqüentemente, uma crítica transformadora, portanto, com possibilidades de outra realidade. Essa realidade é a utopia do educador. E essa utopia fará com que aguce a busca de uma nova realidade, de uma realidade não silenciosa, visando à transcendência da realidade que se vive.

<sup>30</sup> FREIRE, 2004, p. 79.

<sup>31</sup> FREIRE, 2004, p. 105.

<sup>32</sup> FREIRE, 2004, p. 37.

<sup>33</sup> FREIRE, 2004, p. 35.

<sup>34</sup> FREIRE, 2004, p. 95.

Freire utiliza o conceito de cultura do silêncio para enfatizar que o processo de dominação efetua-se porque aos dominados é negado o direito de conquistar sua palavra, o direito de dizê-la. Negar a alguém a palavra é escamotear sua condição humana, o direito de ser.

De acordo com Freire, para que haja uma comunicação dialógica, nem silenciosa nem autoritária, é indispensável em sala de aula a disciplina do silêncio. Porém, silêncio não é silenciamento. Educador e educandos devem ser sujeitos do diálogo. E da mesma forma que não se deve ser autoritário, o educador não deve ser silencioso, deve assumir sua autoridade e educar para possibilitar o exercício responsável e racional da liberdade, a fim de que a autonomia possa ser gestada. Por meio desse comentário de Freire, vemos que a autonomia é conquistada gradualmente, é processo que consiste no amadurecimento do ser para si.

Refletir sobre caminhos para autonomia, caminhos para uma educação que busca formar seres humanos que não tenham sua individualidade e liberdade anulada por mecanismo e sistemas massificadores.

### **Considerações finais**

Tendo em vistas as informações até então expostas, podemos deduzir que se optarmos por uma educação voltada para a libertação, para a autonomia, encontraremos muitos obstáculos pelo caminho. Não é uma caminhada fácil, pois nos depararemos com a desumanização, com um mundo de fantasia, alienado, iludido, manipulado. Essas são as questões de mudança que a Educação para Libertação apóia. Uma educação conscientizadora que, além de conhecer a realidade, busca transformá-la. É mediante a prática pedagógica baseada nos princípios éticos do diálogo que será possível a construção de seres humanos livres, responsáveis, fraternos e solidários. Com isso, essa prática pedagógica torna-se também um ato político por direcionar o sujeito à sua humanização.

[Recebido em: março 2010 e  
aceito em: junho 2010]